

## A carta fechada<sup>1</sup>

Angela C. Bernardes

Meu tema nesse cartel<sup>2</sup>, a princípio, foi a questão do semblante em relação às mulheres. Mas, ao longo da leitura, esse tema foi dando lugar a outras considerações. O trabalho sobre as primeiras aulas do *Seminário 18*<sup>3</sup> tem sido árduo, trilhando as elaborações de Jacques Lacan em 1971. Acompanhamos um *work in progress* e por isso temos que constantemente nos situar em relação a questões em aberto que terão seu *point de capiton* um pouco mais adiante. De modo que não se trata aqui de apresentar uma elaboração conceitual sobre o tema de estudo que me propus no início dessa empreitada, mas de trazer notícias das discussões suscitadas no cartel e um breve relato dos desdobramentos ocorridos a partir de uma passagem desse seminário.

Na quinta aula do seminário - ponto em que estamos na nossa leitura comentada - referindo-se a seu texto sobre "A carta roubada"<sup>4</sup>, Lacan diz: "a carta que a Rainha recebe [...] não se saberá nunca o que ela contém. E é justamente isso que é o essencial, não se saberá nunca o que ela contém". Mas nada contradiz o fato de que "ela sabe"<sup>5</sup>. A partir disso, Angélica Bastos, mais-um do cartel, me provoca a escrever sobre a relação dessa carta com o tema do feminino. Ela lembra o que Lacan havia dito nesse texto dos *Escritos* e retomará nesse seminário, mais adiante: "a carta como tal, tem um efeito feminizante"<sup>6</sup> e isto está intimamente relacionado ao fato de que seu conteúdo seja desconhecido.

A associação imediata veio em relação ao "Continente negro". Freud diz em "Análise leiga" que "a vida sexual da mulher é um *Dark continent* (continente negro) para a psicologia"<sup>7</sup>. Ora, essa referência, mais que batida entre

nós, vale ser lembrada aqui porque a África era assim denominada no século XIX não pela cor da pele de sua população sub-saariana, mas pelo total mistério que esse continente representava para os europeus. Enquanto quase o mundo todo esteve sob o domínio europeu, a África permaneceu fora desse domínio até as últimas décadas do século XIX e grande parte do continente permaneceu inexplorada por um longo período ainda. O termo parece ter surgido pelo fato dos cartógrafos não terem informações sobre a África e por isso teriam deixado nos seus mapas uma massa negra no lugar do continente.

Não cartografado, carta fechada, mistério insondável, essas são metáforas sobre o enigma do feminino na própria origem da psicanálise. Lacan avança sobre a questão quando separa não duas identificações sexuais, macho e fêmea, mas dois gozos, o masculino e o feminino. Este último, sendo *nãotodo* submetido à lógica da castração edipiana, é um gozo a mais, um gozo que "não provém do que se articula no inconsciente"<sup>8</sup>, mas que se experimenta no corpo. Mas desse gozo o que se sabe? Da boca das mulheres não sai uma palavra sobre esse gozo. "Talvez porque não o conhece, aquele [gozo] que a faz não toda"<sup>9</sup>. Ora, da carta, ninguém saberá o seu conteúdo, mas isso não contradiz que a Rainha saiba. Mas o que ela sabe é de quem provém e de que se trata, pois, de fato, a Rainha também não conhece as palavras aí escritas. Analogamente, uma mulher não tem um saber sobre o que experimenta como mulher, posto que nada se pode dizer da mulher. A mulher é uma alteridade absoluta, mesmo para as mulheres. Desse gozo, que se experimenta como arrebatamento no corpo, Lacan recolheu o testemunho nos escritos dos místicos. "O testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas que não sabem nada dele"<sup>10</sup>.

Só a poesia pode servir-se de palavras para testemunhar o indizível. Assim como os místicos, os poetas,

por mais masculinos que sejam, também podem se colocar do lado do *nãotodo*.

"A alma é feminino", escreveu José Miguel Wisnik. Eu o cito: "A alma é silenciosa mas não é invisível - está na cara, no jeito, nos olhos, no corpo todo, nos dedos, nos fios dos cabelos, nos poros, na aura da voz. Está no sexo - não no sexo demarcado mas no sexo profundo, que é o jeito que temos de nos abirmos e de nos fecharmos no segredo impenetrável, de querermos, de pedirmos, demandarmos, de sofrermos e de gozarmos (...) A alma é feminino, por mais masculino que o sujeito seja"<sup>11</sup>.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na Jornada de cartéis da EBP-Rio, em agosto de 2012.

<sup>2</sup> Participam também do cartel: Angelica Bastos (mais-um), Carla Sá Freire, Helena Torres e Suely Azevedo Costa.

<sup>3</sup> LACAN, J. (2006[1971]). *Le séminaire, livre XVII: d'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil.

<sup>4</sup> Idem. (1998[1957]). "O seminário sobre 'A carta roubada'". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>5</sup> Idem. (2006[1971]). Op. cit., p. 93.

<sup>6</sup> Idem. Ibid, p. 130.

<sup>7</sup> FREUD, S. (1973[1926]). "Análisis profano". In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, p. 2928.

<sup>8</sup> SOLANO, E. (2012). "Lacan e as mulheres". In: *O feminino que acontece no corpo; a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum/EBP, p. 93.

<sup>9</sup> LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário: livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 82.

<sup>10</sup> Idem. Ibid, p. 103.

<sup>11</sup> WISNIK, J. M. (2004). "A alma é feminino". In: *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, p. 378.